

## I. Como identificar uma educação de alta qualidade

Como a maioria dos jornalistas, não gosto de dar conselhos. Prefiro simplesmente relatar histórias de outras pessoas e deixar que cada um tire suas próprias conclusões. Isso é melhor para todo mundo.

Mesmo assim, aonde quer que eu vá, pais me pedem sugestões de ação específicas que eles possam efetivamente usar na vida real. Eles me indagam no supermercado, no playground. É como se eles, ao contrário de mim, vivessem no mundo real, onde o falatório não é tudo que importa.

Na maioria dos países, boa parte dos pais tem alguma opção na hora de mandar os filhos para a escola. Contudo, essa é uma decisão muito complicada, e é muito difícil encontrar informações úteis. Por isso, exponho aqui a minha tentativa mais empenhada para dar às pessoas o que elas querem.

Todas as crianças e adolescentes são diferentes uns dos outros. Uma escola espetacular para uns talvez seja o inferno na Terra para outros. Entretanto, no que diz respeito a encontrar uma escola que seja ao mesmo tempo rigorosa e cheia de vida, plena de entusiasmo e aprendizagem, há algumas perguntas certas que precisam ser feitas. Aqui está a minha "colinha" para quem quiser encontrar uma escola de primeira qualidade, com base no que vi em minhas andanças por escolas em diferentes continentes, quando ouvi alunos, professores e pais e estudei as pesquisas feitas por outras pessoas, mais inteligentes que eu. É uma receita incompleta, mas é um começo.

## OBSERVE OS ESTUDANTES

Se você está tentando entender uma escola, pode ignorar a maior parte das informações que recebe. Dias de “escola aberta” para visitação de pais e filhos? Completamente inúteis. Gastos por estudante? Além de um certo nível básico, o dinheiro não se traduz em qualidade de educação em nenhum lugar. Os países mais inteligentes do mundo gastam menos por aluno do que os Estados Unidos.

O número de alunos por sala de aula? Não é tão importante quanto pensa a maior parte dos pais, exceto nos primeiros anos de escolarização. Na verdade, geralmente os países de melhor desempenho acadêmico do mundo têm salas de aula com mais estudantes do que nos Estados Unidos. As pesquisas mostram que a qualidade do ensino é mais importante que o número de alunos por classe.

Dados sobre testes? São mais úteis, mas extremamente difíceis de decifrar na maioria dos lugares. Até que ponto o teste é bom? Quanto valor a escola agrega além do que as crianças já estão aprendendo em casa? Cada vez mais as diretorias de ensino norte-americanas dispõem de informações desse tipo, mas não as divulgam publicamente.

Em vez disso, a melhor maneira de medir bem a qualidade de uma escola é gastar um tempo – mesmo que sejam apenas vinte minutos – visitando salas de aula enquanto a escola estiver em pleno funcionamento.

Contudo, quando você chegar lá, é importante saber para onde olhar. Os pais tendem a passar muito tempo encarando quadros de avisos nas salas de aula. Aqui vai uma sugestão melhor: em vez disso, observe os estudantes.

Procure sinais de que todos os alunos estão prestando atenção, interessados no que estão fazendo e trabalhando com afinco. Não

procure sinais de ordem; às vezes a aprendizagem ocorre em lugares barulhentos, em que os estudantes trabalham em grupos sem receber muita informação dos professores. Algumas das piores salas de aula são ambientes silenciosos e bem-arrumados, que aos olhos dos adultos parecem reconfortantemente calmos.

Lembre-se de que a aprendizagem rigorosa parece de fato rigorosa. Se os alunos estão escrevendo às pressas e em cima das pernas em uma folha de exercícios, isso não é aprendizagem. Isso é preencher um formulário. Eles devem se sentir desconfortáveis de vez em quando; não há problema nisso. Não devem se sentir frustrados nem desesperados; pelo contrário, devem receber ajuda quando precisarem, e muitas vezes um colega deve ajudar o outro. O ideal é que não passem períodos longos e vazios fazendo fila para o almoço, sentados em círculo para atividades de “roda de conversa” ou distribuindo folhas de exercícios. Deve haver uma sensação de urgência que seja palpável.

Resista ao impulso de concentrar todas as atenções na figura do professor. Nas melhores salas de aula do mundo, talvez o docente seja uma pessoa calma. Ou um sujeito carismático ou mesmo um pouco maluco (é assim que a maioria de nós se lembra dos nossos próprios tempos de escola). O que você pensa do professor durante uma breve visita não é tão importante quanto o que os alunos – que convivem com o professor o ano inteiro – acham dele.

Fiz isso em todos os países que visitei. Até que ponto os estudantes se interessaram por minha presença? Os alunos atarefados e comprometidos com os estudos não prestavam muita atenção em mim; tinham coisas mais importantes para fazer. Os alunos entediados me olhavam de relance e sorriam, ensaiavam um aceno tímido e me ofereciam um lenço de papel quando eu espirrava. Estavam desperdiçando seu tempo, e desesperados por uma distração.

Vi estudantes entediados em todos os países. O tédio é o espectro que assombra meninos e meninas da pré-escola à formatura, nos quatro cantos do mundo. Em salas de aula norte-americanas, vi uma aluna desenhando uma rosa no braço com caneta esférica; era uma tatuagem feita com vagar e meticulosidade, como se a garota estivesse cumprindo pena de prisão perpétua. Vi um menino dançar em silêncio, remexendo seus tênis brancos de cano alto debaixo da carteira. A parte de cima de seu corpo nem sequer se mexia.

Na Finlândia, vi um adolescente se interessar de maneira insólita pela corda da persiana ao seu lado, como se fosse a corda de um paraquedas que talvez pudesse levá-lo para algum outro lugar. Na Coreia do Sul, vi fileiras inteiras de estudantes dormindo — a sono solto — com a cabeça pousada sobre a carteira. Alguns tinham travesseiros. A Coreia do Sul era o país onde o tédio ia dormir, e mais tarde acordava para passar a noite estudando.

O tédio variava tremendamente de uma sala de aula para outra, em geral dentro de uma mesma escola. Nas melhores escolas, entretanto, o tédio era a exceção, e não a regra. Nelas, o observador entra em cinco salas de aula e vê apenas um ou dois alunos — e não oito ou dez — desgarrados dos demais, à deriva, “boiando” física ou mentalmente. É assim que você sabe que está em um local de aprendizagem.

#### CONVERSE COM OS ESTUDANTES

Raramente as pessoas, incluindo os jornalistas, se dão ao trabalho de conversar com os estudantes a fim de lhes perguntar sobre suas ideias e impressões. Todo mundo concentra as atenções no professor, no diretor, no prédio ou nos quadros de avisos. As crianças pequenas são tidas como novas demais para entender as coisas; as

mais velhas já estão, supostamente, exaustas, saturadas. Na minha experiência, nada disso é verdade. Contanto que você faça perguntas inteligentes, os estudantes são as fontes de informação mais sinceras, imparciais e úteis em qualquer escola.

Não pergunte coisas como “você gosta desse professor?” ou “você gosta da sua escola?”. E se um desconhecido, sorridente entrou no seu escritório e perguntasse “você gosta do seu chefe?”. É bem provável que você pensaria tratar-se de um consultor incumbido de demitir você. As crianças e os adolescentes têm a mesma reação. E, de qualquer modo, gostar de um professor não é o mesmo que aprender com um professor. Em vez disso, faça perguntas que sejam específicas, respeitadas e significativas.

Geralmente a primeira coisa que pergunto é bem direta: “O que você está fazendo agora? Por quê?”.

Você ficaria espantado de ver o número de alunos que conseguem responder à primeira pergunta, mas não são capazes de responder à segunda. Porém, a segunda pergunta é imperativa. Para acreditar na escola e se interessarem por ela, os estudantes precisam ser lembrados da razão de estarem ali o dia inteiro, todo dia.

Em 2011, um gigantesco estudo financiado pela Fundação Gates<sup>2</sup> constatou que as respostas dos alunos, para perguntas específicas eram surpreendentemente proféticas a respeito do aumento das notas dos estudantes nos testes, e eram mais confiáveis a longo prazo do que as observações feitas nas salas de aula por analistas treinados. Nessa investigação — a Pesquisa Tripod, idealizada por Ronald Ferguson, da Universidade Harvard —, dezenas de milhares de alunos de todas as idades responderam a um questionário em que se pedia que concordassem ou discordassem de 36 itens diferentes. Quando você visitar uma escola, obviamente não terá condições de realizar um inquérito cientificamente válido como

esse. Mas, em todo caso, as questões do referido estudo que mais se relacionavam à aprendizagem dos estudantes talvez nos ajudem a formular perguntas que valeram a pena fazer. Por exemplo:

1. Nessa aula você aprende bastante todo dia?
2. Nessa aula os alunos geralmente se comportam como o professor quer?
3. Nessa aula os alunos estão sempre ocupados e não perdem tempo?

Esse é o tipo de pergunta a que os estudantes – e somente os estudantes – podem responder.

Algumas escolas começaram a usar variações do mesmo questionário de pesquisa para ajudar os professores a melhorar, uma ideia inteligente e relativamente barata. Se um diretor ou professor usa esse tipo de levantamento na sala de aula e dedica um tempo considerável à análise dos resultados, é um sinal promissor.

E aqui apresento mais uma pergunta a ser feita aos estudantes, esta formulada por Dwan Jordan, ex-diretor da John P. Sousa Middle School em Washington, D. C.: "Quando você não entende alguma coisa, o que você faz?"

Em salas de aula rigorosas, os alunos sabem a resposta.

## OUÇA OS PAIS

Em 2011, fui conhecer de perto as instalações de uma escola particular de Washington, D. C., em que era difícil conseguir uma vaga e que custava cerca de 30 mil dólares por ano. Na verdade eu não tinha condições de pagar essa instituição de ensino, mas já havia

visitado muitas escolas públicas e escolas *charter*, e queria saber o que meu filho podia estar perdendo.

A luz do sol entrava pelas claraboias. Quando desci para o hall, o som de meninas e meninos aprendendo em diferentes linguas enchia os corredores. Na sala da diretora havia *muffins*. O lugar parecia um spa de aprendizagem – o sonho de todos os pais.

Mas coisas estranhas aconteceram nessa visita. Quando a diretora falou sobre a escola, nada do que ela disse fez sentido para mim. Em seu discurso havia uma porção de jargões sobre o currículo e vagas promessas de maravilhosas excursões de estudo do ambiente e projetos holísticos. Todos os pais que me acompanhavam na visita assentiram; fiquei com a sensação de que ninguém queria dizer algo dissonante que pudesse prejudicar as chances dos filhos de conseguir uma vaga na tal escola.

Depois uma mãe com três filhos matriculados ali nos conduziu em um passeio pelas dependências. Vimos pisos reluzentes, paredes e murais coloridos e repletos de projetos de arte emoldurados e outros emblemas sedutores. Por fim, um dos pais fez uma boa pergunta: "Toda escola tem seus pontos fracos. Qual é o ponto fraco desta?"

Ergui a cabeça, aguçando os ouvidos num esforço para escutar o que a nossa guia tinha a dizer.

"Sabe de uma coisa? Eu diria que o programa de matemática é fraco."

Fiquei perplexa. Imagine visitar um hospital particular grã-fino no que aceita somente pacientes suficientemente ricos para pagar por seus serviços, e descobrir que nesse hospital de luxo a prática de cirurgia é fraca. O que significava um programa de matemática fraco numa escola que exigia que crianças pequenas fizessem teste de QI antes mesmo de serem admitidas? Aquela mãe em particular preenchia um cheque de 90 mil dólares todo ano para pagar as

despesas com a educação dos três filhos. Ela não tinha de exigir em troca boas aulas de matemática?

Mas ninguém disse nem uma palavra sequer. Talvez todos os pais estivessem atônitos, como eu. Por fim, a mãe-guia acrescentou mais uma coisa: "Ah, e eu gostaria que o programa de futebol americano fosse melhor".

De repente, todos os pais despertaram.

"Sério? Como assim? A escola não tem time de futebol americano? Com que idade as crianças começam a jogar?"

Sai de fininho para o estacionamento, espantada. Talvez aquilo explicasse por que a maior parte dos nossos estudantes mais abastados – em comparação com crianças ricas de outros países – figurava na 18ª posição no ranking dos testes internacionais em matemática: mesmo os pais endinheirados dos Estados Unidos se preocupavam mais com futebol americano do que com matemática.

Havia uma grande diferença entre Estados Unidos e Finlândia, Coreia do Sul e Polônia. Nas superpotências educacionais do mundo os pais concordavam que uma educação rigorosa era fundamental para as oportunidades que seus filhos teriam na vida.

Onde quer que você viva, se conseguir encontrar uma comunidade ou escola em que os pais e educadores compartilhem dessa convicção básica, então você já encontrou algo mais valioso para os seus filhos do que o melhor programa de futebol americano do planeta.

Em sua busca por uma escola de primeira qualidade, peça aos pais de cada lugar que falem dos pontos fracos da escola. Ouça com atenção. Se os pais disserem que são muito envolvidos com a escola, pergunte-lhes como. Os pais norte-americanos tendem a se envolver mais com a escola do que os pais das superpotências educacionais; porém, de modo geral, não de maneiras que resultam em aprendizagem.

Arrecadar dinheiro, ir a partidas de futebol e integrar comitês de organização de eventos no Dia do Professor são coisas maravilhosas que as pessoas podem fazer. Entretanto, não costumam ter impacto sobre a qualidade da educação das nossas crianças e adolescentes, conforme foi documentado ao longo deste livro.

Em todo o mundo, os pais exercem uma influência tremenda sobre a maneira como seus filhos aprendem. Mas não é nas reuniões da Associação de Pais e Mestres que acontece a aprendizagem. Pesquisas mostram que os pais mais ativos nas escolas dos filhos não são os que criam os filhos mais inteligentes. O verdadeiro impacto se dá em casa.

Os pais que veem a si mesmos como treinadores educacionais tendem a ler todo dia para os filhos pequenos; quando as crianças ficam mais velhas, esses pais conversam com elas sobre como foi seu dia e sobre as notícias do mundo. Deixam que seus filhos cometam erros e depois voltem ao trabalho árduo. Ensinam a eles bons hábitos e lhes dão autonomia. Em outras palavras, também são professores e acreditam no rigor. Querem que os filhos fracassem enquanto ainda são crianças. Sabem que essas lições – sobre trabalho com afino, persistência, integridade e consequências – serão úteis para o filho durante as décadas vindouras.

Por diferentes razões culturais e históricas, a maior parte dos países mais inteligentes do mundo parece entender a importância da resiliência acadêmica – do mesmo modo como os pais norte-americanos entendem por que os técnicos colocam seus filhos no banco de reservas quando eles faltam ao treino. Um diretor de escola de primeiro nível mantém os pais concentrados no que importa, mesmo que isso signifique perder, todo semestre, 500 dólares de lucro em vendas de bolo na escola.

## IGNORE OS OBJETOS RELUZENTES

Uma escola à moda antiga também pode ser uma boa escola. O colégio de ensino médio de Eric em Busan, na Coreia do Sul, tinha salas de aula austeras com laboratórios de informática dos mais simples. Os alunos jogavam futebol num campo de terra. Visito sob certos ângulos, o lugar parecia uma escola norte-americana da década de 1950. A maioria das salas de aula de Kim na Finlândia era igual: fileiras de carteiras diante de uma lousa simples ou um quadro branco antiquado, do tipo que só tem conexão com uma coisa: a parede.

Na escola de Tom na Polônia não havia sequer refeição, muito menos um teatro moderníssimo como o da escola pública de sua cidade natal na Pensilvânia. Em sua escola nos Estados Unidos, todas as salas de aula tinham uma lousa digital interativa, como a que se tornou onipresente em tantas escolas norte-americanas (na verdade, quando visitei o colégio de ensino médio de Tom em 2012, elas já estavam sendo substituídas por modelos de última geração). Na escola polonesa, nenhuma sala de aula contava com lousa digital.

Infelizmente, há poucos dados disponíveis para uma comparação dos investimentos em tecnologia feitos por cada país. Mas as evidências baseadas na observação sugerem que os norte-americanos gastam extraordinárias somas de dinheiro dos contribuintes em brinquedos de última geração para professores e alunos, equipamentos em sua maioria sem valor educacional comprovado. Como em todas as outras áreas, computadores são mais úteis quando poupam tempo ou dinheiro, ajudando a descobrir o que os estudantes sabem e em que precisam de ajuda. Inversamente, municiá-los com controles remotos sem fio para que eles possam votar nas aulas seria algo impensável na maioria dos países (em

boa parte do mundo os alunos simplesmente levantam o braço, e isso funciona muito bem).

“Na maioria dos países de alto desempenho educacional, a tecnologia está espantosamente ausente da sala de aula”, disse-me Andreas Schleicher, o guru internacional da OCDE. “Não tenho explicação para isso, mas de fato parece que esses sistemas concentram seus esforços essencialmente na prática pedagógica, e não em equipamentos eletrônicos.”

Na pesquisa realizada para este livro, sete em cada dez estudantes de intercâmbio estrangeiros e norte-americanos concordaram que as escolas dos Estados Unidos tinham mais tecnologia. Nenhum estudante norte-americano que respondeu ao questionário de pesquisa afirmou que nas escolas do país havia consideravelmente menos tecnologia.

Os países mais inteligentes priorizam os salários e a isonomia dos professores (canalizando mais recursos para os estudantes que mais precisam). Quando você procurar uma educação de primeira qualidade, lembre-se de que pessoas são sempre mais importantes do que objetos.

## FAÇA AO DIRETOR AS PERGUNTAS DIFÍCEIS

Quando você conversar com um diretor de escola, faça as perguntas que faria a um potencial empregador. Tente formar uma ideia das prioridades e da cultura da escola. Não tenha medo de ser tão assertivo como seria na hora de comprar um carro ou aceitar um emprego.

Quando se trata de procurar uma escola, o diretor é o fator mais importante de todos. Sim, os professores também são absolutamente relevantes, mas no nosso sistema você não pode esco-

lher o professor do seu filho. Por isso, tem de confiar no diretor da escola para fazer isso por você.

*Como você escolhe seus professores?*

Finlândia, Coreia do Sul e todas as superpotências educacionais selecionam seus professores de maneira relativamente eficiente, exigindo que os aspirantes aceitos pelas faculdades de formação de educadores se formem entre os 30% melhores de suas turmas de ensino médio. Essa seletividade não é suficiente por si só, mas garante um nível de prestígio e formação educacional que torna possíveis outras medidas e iniciativas.

Uma vez que a maior parte dos países não dá esse passo lógico, o diretor é ainda mais importante. Esse líder age como um filtro que substitui a faculdade ou o sistema de certificação dos professores, que na maioria dos países não é robusto. Nada é mais importante do que as decisões que o diretor toma acerca de quem contratar, como treinar e preparar os professores, e quais deles dispensar. "Uma grande visão sem grandes pessoas é irrelevante", escreveu Jim Collins em seu clássico livro *Empresas feitas para vencer*.<sup>3</sup>

Descubra se o diretor pode escolher que candidatos entrevistar e contratar. Esse tipo de autonomia de bom senso é raro em muitas escolas. Depois pergunte se o diretor assiste de fato a *aulas-teste* dos candidatos à vaga de professor. Em muitos países, inclusive os Estados Unidos, essa prática não é comum – embora seja uma maneira óbvia de saber se o aspirante a professor tem as extraordinárias habilidades necessárias para ser um ótimo educador, um dos empregos mais complexos e exigentes da era moderna. Mesmo que, como parte do processo de contratação, o candidato apenas finja que está dando uma aula – para uma plateia adulta –, isso é bem melhor que nada.

*O que você faz para tornar os seus professores ainda melhores?*

Quanto mais detalhes específicos você ouvir em resposta a essa pergunta, melhor. A maioria dos professores atua de maneira isolada, sem receber retorno pertinente, comentários ou opiniões significativos. Isso é indefensável hoje em dia. O desenvolvimento profissional, que é o jargão para o treinamento no mundo educacional, deveria ser customizado para os pontos fortes e fracos de cada um dos professores. Não deveria consistir em uma centena de professores sentados num auditório, ouvindo uma palestra.

Nenhum país solucionou de vez esse problema, mas algumas nações se saem melhor do que outras. Na Finlândia, os professores são mais propensos a assistir às aulas de seus colegas – durante o treinamento e ao longo da carreira. Muitos países dão aos docentes mais tempo para trabalhar de forma colaborativa e planejar em conjunto; nesse quesito o desempenho norte-americano é pior. Nos Estados Unidos os anos letivos são relativamente curtos, mas na maioria das escolas os professores têm pouco tempo para compartilhar ideias e receber retorno. Pergunte aos diretores de escola de que maneira eles ajudam os professores a trabalhar em conjunto e que tipo de papel de liderança atribuem aos seus melhores profissionais.

*Como você mede o seu sucesso?*

Líderes fortes sabem explicar com clareza sua visão. Se você ouvir uma resposta longa, vaga, repleta de disparates, talvez acabe desabrindo que foi parar numa escola sem um objetivo – ou seja, uma escola mediana. Nos Estados Unidos, a maioria dos diretores vai mencionar dados sobre notas em testes como medida de sucesso, o que é justo, mas insuficiente. Talvez o diretor mencione também índices de formatura ou pesquisas de satisfação dos pais.

Tudo bem. Mas como medir resultados intangíveis que são igualmente importantes? Como eles sabem se estão preparando os estudantes para lidar com o pensamento de ordem superior e solucionar problemas que jamais viram antes? A maior parte dos testes padronizados não mede essas habilidades. Como os diretores julgam se estão ensinando aos alunos os segredos por trás das maiores histórias de sucesso do mundo, habilidades como persistência, autocontrole e integridade?

Eles perguntam aos seus alunos o que precisa ser melhorado? Essas opiniões mudam em aspectos fundamentais a maneira como a escola funciona – a cada semestre? Educadores de primeira qualidade possuem uma visão clara sobre o caminho que estão seguindo, ferramentas para determinar se acabaram se perdendo e uma cultura de perpétua mudança a fim de fazer melhor.

*De que forma você se certifica de que o trabalho está suficientemente rigoroso? Como você continua elevando o nível de exigência para descobrir o que os alunos são capazes de fazer?*

Na rede de escolas *charter* Success Academy na cidade de Nova York, os estudantes passam uma hora e meia por dia lendo e discutindo livros. Depois passam mais uma hora e meia escrevendo. As crianças começam a aprender ciências ainda na pré-escola, diariamente. Isso é rigor. Na maioria das escolas públicas da cidade de Nova York, os alunos começam a estudar ciências somente na *middle school*, os últimos anos do ensino fundamental.

E isso não é tudo. Os alunos da Success Academy também têm aulas de arte, música e dança; aprendem a jogar xadrez. Quase nunca deixam de aproveitar o recreio, mesmo com mau tempo – diretriz que compartilham com a Finlândia. Chamam sua estratégia de “rigor prazeroso”.<sup>4</sup>

Isso funciona? Todos os alunos do quarto ano das escolas Success Academy são proficientes em ciências, de acordo com o teste da cidade de Nova York, e 95% apresentam desempenho de nível avançado. O nível de competência da unidade Success Academy Harlem 1, onde em sua maior parte os alunos de baixa renda são aceitos aleatoriamente por um sistema de sorteio, equipara-se ao das escolas de alunos habilidosos e talentosos de toda a cidade.

Nessas escolas exige-se que os professores sejam intelectualmente fascinantes e hiperpreparados. Em vez de se preocuparem com a autoestima dos alunos, eles são treinados para superestimar o que estes são capazes de fazer. Lá os professores da pré-escola são proibidos de conversar com as crianças pequenas usando uma vozinha infantilizada. É difícil respeitar as crianças quando se fala com elas de maneira condescendente.

“É um insulto à inteligência dos estudantes”, escreveu a fundadora e executiva-chefe Eva Moskowitz e Arin Lavinia, coautoras do livro *Mission Possible* (2012). “O que o professor diz deve ser tão interessante que os alunos fiquem sentados na ponta da cadeira, ávidos por cada palavra. É uma centelha intelectual que chama e prende a atenção deles, e não conversa fiada.”

Nas escolas Success Academy, o significado de “envolvimento dos pais” é algo diferente: não se pede a eles que façam quites ou vendam papel de presente. Em vez disso, pede-se que leiam para os filhos seis noites por semana. Deles espera-se que ajudem a acelerar a aprendizagem em casa e preparem seus filhos para a faculdade, assim como fazem os pais sul-coreanos. Os pais têm o número do telefone celular dos professores dos filhos e do diretor da escola.

Em 2011, a rede Success Academy abriu uma nova unidade no Upper West Side em Manhattan, uma área bem mais abastada do que a de seus endereços anteriores. Ao contrário da maioria das



## II. Questionário de pesquisa sobre a experiência do estudante de intercâmbio do American Field Service (AFS)

### INTRODUÇÃO

Nenhum país do mundo encontrou uma solução para como ajudar todas as crianças e adolescentes a atingir na plenitude seu potencial de aprendizagem. Assim como os sistemas de saúde, os sistemas educacionais são extraordinariamente complexos e sempre precisavam de mudança. Para melhorarem, os países podem aprender uns com os outros; o truque é descobrir quais das nossas diferenças são as mais importantes.

Testes podem medir habilidades e competências, e estudos e pesquisas no âmbito de um mesmo país podem mensurar atitudes. Entretanto, é difícil comparar resultados de diferentes países, porque cada população pesquisada vive em um contexto cultural único.

Contudo, as pessoas que viveram e estudaram em mais de um país podem transcender algumas barreiras culturais e identificar distinções significativas. Suas vozes, em combinação com a pesquisa quantitativa, podem nos ajudar a diminuir a dimensão desse mistério.

*Todo ano, dezenas de milhares de adolescentes arrojados de todo o planeta saem de casa para viver e estudar em outros países por meio de programas de intercâmbio. Durante o ano letivo de 2011-12, 1:376 norte-americanos rumaram para o exterior,<sup>1</sup> e outros*

escolas dos Estados Unidos, incluindo as melhores escolas *charter* públicas, essa nova escola era de fato *diversificada*, no sentido literal do termo. Moskowitz queria uma mistura de estudantes brancos, asiáticos, afro-americanos e hispânicos, numa variada gama de níveis de renda, e conseguiu. É assim que crianças e adolescentes aprendem melhor – juntos, com um amálgama de expectativas, vantagens e complicações –, de acordo com as lições aprendidas a duras penas em países de todo o mundo.

Há histórias como essa espalhadas por todo o país: as escolas *charter* Success Academy na cidade de Nova York, o que existe nos Estados Unidos de mais parecido com a Finlândia; William Taylor, professor de escola pública que tem expectativas quase sul-coreanas para seus alunos de baixa renda em Washington, D. C.; e Deborah Gist, em Rhode Island, líder que ousou elevar o nível de exigência com relação ao que os professores devem saber, como fizeram os reformadores na Coreia do Sul e na Polônia.

Esses educadores de primeira qualidade existem, mas estão lutando contra a corrente, a cultura e as instituições. Essa batalha os deixa extenuados, exaure sua energia e seu tempo. Se um dia chegarem a vencer, terá sido porque os pais e estudantes se mobilizaram para lutar ao seu lado, convencidos de que os nossos educandos não apenas são capazes de dar conta de uma educação rigorosa, mas anseiam por ela como nunca antes.